

II Jornada Paulista de Terapia Familiar – São Paulo/ Outubro 2003

Situações Familiares em Terapia Comunitária

Lia Fukui
Liliana Beccaro Marchetti

O cenário

Periferia da metrópole. Um salão paroquial ou um espaço numa associação de moradores ou ainda num centro de juventude. Uma reunião que acontece com uma certa periodicidade (quinzenal, mensal conforme decisão do grupo) sempre no mesmo horário e com aproximadamente a mesma duração. Um grupo heterogêneo: trinta a quarenta pessoas, homens e mulheres de todas as idades e crianças. Duas a três terapeutas.

Primeiro momento

A reunião começa com um violão e música tornando o clima acolhedor e ameno. Na hora marcada começa a sessão. Uma das terapeutas enuncia o que é terapia comunitária ou pergunta ao grupo, principalmente aos que já freqüentaram a reunião, o que entendem por terapia comunitária. A seguir são apresentadas as regras de funcionamento do grupo: silêncio para poder ouvir atentamente o companheiro; falar sempre na primeira pessoa do singular; não julgar, não fazer sermão, não dar conselhos e finalmente, num momento de tensão emocional por motivo de um depoimento, se alguém lembrar de uma música, uma piada ou um ditado popular pertinente ao tema pode se pronunciar.

Segundo momento

O terapeuta que abriu a sessão passa a direção para o companheiro. Este promove um pequeno exercício de descontração: pede para prestar atenção na própria respiração, perceber como estão os sentimentos no momento para cada um poder centrar-se prestando atenção às próprias emoções.

Faz-se a seguir um levantamento de problemas. Aqueles dispostos a colocar suas angústias e suas dores se pronunciam: uma avó que precisa sustentar os netos com a exígua aposentadoria porque os pais destes estão desempregados; filho com problema escolar; filho que rouba; não sabe o que fazer com o filho que mente; ciúme entre cunhadas (os), irmãos, marido, mulher; adolescente que tem que lidar com a desconfiança dos pais por ter usado drogas; mãe que tem que mediar a relação entre o companheiro atual e os filhos de seu casamento; mãe que revive com os filhos o alcoolismo do marido; mulher abandonada pelo marido; marido abandonado pela mulher; mãe desesperada porque a filha (maior de idade) escolheu ser moradora de rua com um homem; Todas são situações familiares, colocadas para discussão.

Terceiro momento

O grupo elege um protagonista. Seu problema é enunciado e explicitado; são feitas perguntas pelos participantes para melhor entender a situação exposta e ajudá-lo a entender o que acontece com ele.

Quarto momento

Da situação exposta o terapeuta extrai um mote genérico ou simbólico. Agradece ao protagonista e coloca-o em stand by. Abre a questão para o grupo tendo sempre o cuidado de associar ao mote “Quem já viveu uma situação semelhante e o que fez para resolver?” É o momento em que cada participante pode expor seus sofrimentos e suas dores e a maneira como encontrou soluções para sua aflição.

Quinto momento

Faz-se um ritual de agregação. O protagonista no centro junto àqueles que fizeram depoimentos ajudando a esclarecer a situação analisada. Pede-se ao grupo para dizer o que aprendeu e o que leva para si deste encontro. Encerra-se a reunião com cantos, abraços e mais o que o grupo sugerir.

O Objetivo

O objetivo desta comunicação é fazer uma reflexão sobre as situações familiares que ocorrem na terapia comunitária, visando uma contribuição para o seu arcabouço teórico.

Os Pilares

A visão sistêmica dá a dimensão do individual, do familiar inserido num sistema mais amplo, o comunitário. Por comunitário entendemos, um amplo grupo, heterogêneo com interesses comuns e com uma duração determinada. A teoria da comunicação diz que toda comunicação é uma metacomunicação tem um nível informativo e um relacional. A antropologia cultural enfatiza a necessidade dos valores culturais e a Resiliência descreve a capacidade dos indivíduos de lidarem com as adversidades.

As Situações Familiares

Entendemos por Situações Familiares os relatos familiares feitos por um participante, numa reunião de grupo, sem necessariamente a presença dos seus familiares.

A descrição da TC que iniciou nosso relato permite abordar o tema de dois ângulos diferentes: do ponto de vista dos terapeutas e do ponto de vista dos participantes.

Os terapeutas

Os terapeutas formaram um grupo chamado *TCendo.sp*. Um grupo de profissionais com formação diversificada (psicóloga, terapeuta de família, socióloga), com experiência profissional e conhecimento do trabalho com grupos. Todos com formação em Terapia Comunitária em Morro Branco no Ceará; e praticando a terapia comunitária desde agosto de 2001.

O terapeuta promove a reunião, estabelece um contrato com o grupo (e não com indivíduos); conduz o grupo nas etapas da terapia: acolhimento, escolha do tema, contextualização, problematização, ritual de agregação e avaliação (à quente e a frio). Adota uma posição não intervencionista, usa o mote para dar um sentido de problema a situação colocada para o grupo; procura suscitar a diversidade de discurso no grupo e colaborar na socialização das vivências através das narrativas.

As sessões sempre repercutem nos terapeutas que as aproveitam muito.

Os participantes

Um grupo, heterogêneo, diferente a cada encontro.

Vários credos, idades, problemas, ideais políticos, ... Os depoimentos destacam-se pela simplicidade e sabedoria de cada um na resolução de seus problemas. Cada depoimento traz sempre para o grupo e para os próprios terapeutas situações inusitadas, resoluções inesperadas.

Os temas são sempre abordados por múltiplos ângulos.

Ao falar da própria experiência e das soluções encontradas a pessoa dá significado e valoriza sua prática mostrando-se capaz e dono de seus propósitos.

O protagonista encontra-se, dessa forma, diante de uma multiplicidade de soluções, de caminhos, resoluções e livre para escolher a que lhe convier.

Ouvir os iguais qualifica a experiência.

O grupo ressoa com o tema escolhido, discutindo o que mais faz sentido naquele dia, a sensibilidade para cuidar de quem mais precisa, ou de se protegerem do que ainda não conseguem lidar.

Considerações

A heterogeneidade do grupo faz com que os problemas apresentados tenham simultaneamente, todas as fases do ciclo de vida da família.

As vozes são múltiplas, de lugares diferentes, assim como as inquietações, reflexões e resoluções dos problemas.

A imagem que vem à mente é de um caleidoscópio onde cada um vê o que pode ver, o que interessa, o que é significativo para si, o que reconhece em si. Assim como o caleidoscópio que está sempre mudando, formando novos desenhos em cada movimento, novas informações, reflexões vão sendo acrescentadas às anteriores com os depoimentos e as resoluções apresentadas pelos participantes.

A intensidade emocional torna autêntico e humano tudo que é dito. Apresenta-se como recurso para re-significar a experiência de dor e sofrimento. Deixa de ser um espetáculo e torna-se real, sentido e compartilhado junto.

Ao propor músicas, piadas, ditados populares ou “causos” nos momentos de grande tensão emocional o grupo permite que a dor e o sofrimento passem por um processo de desdramatização. Isto significa que ao acolher o sofrimento minimiza-se a paixão e abre-se espaço para a reflexão e a compreensão.

O acesso a soluções criativas e múltiplas dentro de um ambiente qualificador e de suspensão de julgamentos capacita os indivíduos

para novas experiências na sua vida e em seu próprio ambiente familiar.

A Terapia Comunitária este procedimento aparentemente simples, parece-nos um instrumento poderoso para instalar, ainda que na duração de um encontro, a prática democrática na qual todos se sentem iguais como viajantes de um mesmo barco cuja trajetória é definida pela competência de cada um, somada aos recursos e competências grupais.

Com a pratica de Terapia Comunitária criam-se redes de apoio solidárias numa trajetória de compaixão.
